

# Com quantos coletivos se faz um coletivo? A micropolítica do espaço em uma ocupação de sem-teto

ADRIANA FERNANDES\*

## Introdução

A ocupação X. aconteceu em novembro de 2008, na região portuária da cidade do Rio de Janeiro, organizada por alguns participantes da Frente de Luta Popular, a F.L.P. (de inspiração socialista/ libertária) e por universitários “independentes” quanto a vínculos específicos de militância. Como eu era amiga de Antunes (da F.L.P.) e participante do operativo, grupo que estruturou inicialmente a ocupação, assim que soube da notícia contatei-o para tentar conhecer o novo espaço. Morar numa ocupação, naquele momento, significava também para mim a chance de sair do aluguel e de me desvincular de uma rotina de trabalho maçante (dava aulas numa universidade privada, em um campus distante 200 kms do bairro onde eu residia, fazia alguns anos).

Ao acompanhar a cena das ocupações do centro, escutando algumas de suas histórias, participado de eventos e assembléias<sup>2</sup>, vislumbrei estas ocupações (eram cinco, com laços os mais diversos<sup>3</sup>) como um lugar de *heterogênesse*, de produção de diferença, ou conforme Michel Foucault, de possibilidade de constituição de um *espaço outro*, uma *heterotopia*, dessa forma, de questionamento dos espaços conhecidos: “(...) **espaços diferentes**, esses outros lugares, **uma espécie de contestação tanto mítica**

---

<sup>1</sup> \*Doutoranda pelo PPCIS/ UERJ (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), sob orientação de Patricia Birman e bolsista da Capes. Pesquisa as ocupações de sem-teto no centro do Rio de Janeiro e as modalidades de resistência ao *estado de exceção* na cidade.

<sup>2</sup> Certo dia, Patricia Tomimura, que fazia mestrado em Psicologia na UFF, estudando a relação entre adoecimento e trabalho nas ocupações, me propôs que fizéssemos oficinas com algumas crianças da (agora ex) ocupação Zumbi dos Palmares, também na zona portuária. Estas atividades aconteceram, de modo precário, por dois semestres.

<sup>3</sup> Desde laços familiares, muitos são migrantes nordestinos, que vêm do lugar de origem para se instalar como agregado, de modo passageiro, numa dessas ocupações, à espera de oportunidade de moradia e trabalho. Essas ocupações tem um padrão comum de organização (vou comentar adiante), além de uma rede de solidariedade e circulação intensa, rede esta potencializada por estarem circunscritas numa mesma área.

**quanto real do espaço onde vivemos.** Esta descrição poderia se chamar **heterotopia**” (FOUCAULT, 1994: p. 756, grifos meus).

Uma ocupação que é referência até hoje entre os *squats* do centro (do Rio de Janeiro), a Chiquinha Gonzaga, se aproximava sobremaneira desta inspiração foucaultiana: a idéia de um “coletivo” não-hierarquizado, onde ninguém individualmente poderia responder por ele, portanto sem representação, formado por pessoas de estratos sociais distintos, com trajetórias variadas. De ambulantes em sua maioria, situados num local onde a experiência de cidade é potente em termos de *circulação*: há uma certa autonomia em relação aos trabalhos da viração e uma boa oferta de vagas nesse sentido. Pode-se trabalhar em “bicos” os mais variados, como catadores, ambulantes, peões, serviços de entrega, faxinas, cuidadora de idosos ou de crianças. Também uma região de conflitos e rupturas, dessa forma bastante próximo, a meu ver, da “porosidade” referida por Walter Benjamin sobre a cidade de Nápoles (“O feriado penetra sem resistência qualquer dia de trabalho”). Nesse sentido, repleto de narrativas, de *agenciamentos*, de possibilidades, enfim, para *resistir à vida nua* tão presente no “viver em risco” do Rio de Janeiro (e não apenas). Vida nua ou estado de exceção, segundo os apontamentos de Francisco de Oliveira, seria uma espécie de “exceção permanente”: “(...) é o mercado para além de si, um permanente ad hoc [fazer-se], em que não se fixam contratos. (...). Em termos macroeconômicos, o permanente ad hoc [fazer-se] requer a violência estatal permanentemente (...) (OLIVEIRA, 2009, pp. 36-37)”.

A área onde se deu a ocupação é atualmente objeto de um projeto de “revitalização” da prefeitura chamado de “Porto Maravilha”, baseado nas *gentrificações*<sup>4</sup> ocorridas a partir da década de 80, em cidades como Barcelona, Nova Iorque, Madrid, Lisboa, Buenos Aires, entre outras. Vale ressaltar a importância em não homogeneizar tal processo nas cidades, nem subestimar a singularidade dos *pontos de resistência* (FOUCAULT, 1985) manifestos: “móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens, que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos (p.

---

<sup>4</sup> Segundo Frugóli e Sklair (2009), a partir da formulação primeira de Ruth Glass, nos anos sessenta: “criação de áreas residenciais para classes médias e altas em bairros de áreas urbanas centrais, articulados a processos de controle ou expulsão de setores das classes populares, (...), produzindo mudanças da composição social de um determinado lugar, bem como tipos peculiares de segregação sócioespacial e de controle da diversidade” (p. 120).

92)” - lembrando a máxima de Walter Benjamin de que o “inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1987: p. 225). Justamente, puxar os fios capazes de desnaturalizar o processo, percebendo as suturas e o irromper de *espaços outros*.

Necessário atentar ao fato de que o Rio de Janeiro, nesta década, possui uma agenda de intervenções (velhas conhecidas) que reatualizam a *espoliação urbana* (KOWARICK, L., 1993) de grande parte da população pobre: despejos e remoções (ou ameaças de) com o argumento de que são necessárias à viabilização da Copa do Mundo e das Olimpíadas<sup>5</sup>. Desse modo, urge percorrer os vestígios da *vida infame* (FOUCAULT, 1992) existentes nas ocupações, como forma de interpelar o *estado de exceção* no cotidiano da cidade. Assim como, retomar a observação provocadora de Vera Telles: “A pergunta que esses personagens estão nos sugerindo é: como escapar da morte matada ou da infelicidade do pobre coitado? É esse o deslocamento que o primado da 'vida nua' parece operar. A vida nua não é o vazio, pois é justamente aí que o jogo está sendo jogado e as tramas do mundo estão sendo tecidas” (2007: p. 217).

## Vida infame

Uma boa categoria, a meu ver, para pensar os “trabalhadores da viração”, que são grande parte dos sem-teto, me parece ser a noção de *homens infames*, apresentada por Michel Foucault a partir da leitura de processos de internos do início século XVIII. Foucault seleciona algumas histórias e personagens (que não fossem ficcionais), com determinadas características “obscuras”, não tivessem notoriedade e mais:

“(…) nenhuma das grandezas como tal estabelecidas e reconhecidas - as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem àqueles milhões de existências que estão destinadas a não deixar rastro;(…) que, contudo, tenham sido atravessados por um certo ardor; que tenham sido animados por uma violência (...); (...) uma espécie de medonha ou lamentável grandeza” (FOUCAULT: pp. 96-97).

---

<sup>5</sup> Para informações a respeito ver o blog da urbanista Raquel Rolnik: <http://www.raquelrolnik.wordpress.com>; sobre denúncias de remoções e despejos forçados ver o site da Rede de comunidades contra a violência: <http://www.redecontraviolencia.org/>. [Uma reflexão muito interessante sobre a mudança de paradigma das políticas em relação aos pobres na cidade, encontra-se no artigo de L'Estoile \(2010\).](#)

Neste *A vida dos homens infames*, Foucault mostra como os que têm uma vida e moral diferentes são por isso questionadores das palavras de ordem, dos valores majoritários, portanto, da sociedade maior. Não estariam em oposição a estes, nem seriam um contraponto incluso no sistema, mas atuariam afirmativamente nas brechas da sociedade disciplinar, conjurando seu funcionamento. Algo de novo se configura, à medida que esses anônimos eram e são localizados pelo poder:

*“Para que algo delas chegasse até nós, foi porém necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. (...). Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam, e talvez devessem sempre, ter ficado, é o encontro com o poder (...). O poder que vigiou aquelas vidas que as perseguiu, que, ainda que por um só instante, prestou atenção às suas queixas e ao seu leve burburinho e que as marcou com um golpe das suas garras, foi também o poder que suscitou as poucas palavras que delas nos restam (...).”* (FOUCAULT, 1992: pp.97-98).

Conforme tais projetos se constituem como verdade/ racionalidade, os infames são encarcerados à sociedade normativa, ou incorporados a uma política de controle. “O que é a vida? É resistir a morte” - nos diz Foucault. Mas não se trata de reificar os sem-teto ou o lumpemproletariado como modalidade de *resistência* em si ao biopoder, o que nos interessa é perceber como seus deslocamentos são capazes, em algumas situações, de questionar tais dispositivos, retomando a idéia da produção dos espaços de *heterotopia*, os espaços contestatórios, seguindo a pista de Foucault.

Se os sem-teto podem ser aproximados aos *infames* porque problematizam, em seus deslocamentos, *espaços outros* que questionam o presente, buscaremos destacar aqui suas resistências ao *biopoder*, sistema caracterizado pelo dispositivo disciplinar, exercido a partir do século XVIII, exercido no controle da população, logo, na disposição do viver e do morrer, que produz corpos e corporeidades. No caso dos “sem-teto”, suas *resistências* em relação aos dispositivos da vida fascista em prática atualmente na cidade: a UPP - “Unidade de Polícia Pacificadora”, o “Choque de Ordem”, o “Porto Maravilha”, a “Operação Bacana”, “Somando Forças”, etc.

Porém, antes disso, é necessário recortar a noção de *resistência*, expressa por Foucault em *História da Sexualidade I*, que ganhou destaque nas suas últimas obras,

desenvolvida, não a exaustão, mas como uma resposta as críticas que lhe foram endereçadas quanto as noções de poder/ *biopoder* e seus mecanismos de funcionamento. Sobre a *resistência/ poder*:

*“Deve-se afirmar que estamos necessariamente 'no' poder, que dele não se 'escapa', que não existe, relativamente a ele, exterior absoluto, por estarmos inelutavelmente submetidos à lei? (...). Isso equivaleria a desconhecer o caráter estritamente relacional das correlações de poder. (...). Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa - alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. As resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; (...) mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo das relações de poder (...)”* (FOUCAULT, 1985: p. 91, grifos meus).

Desse modo, quais as correlações de poder envolvidas na produção de um coletivo? Quais seriam os outros termos das relações de poder presentes entre militância/ operacional e moradores da ocupação?

### **Compor um coletivo para garantir a ocupação**

O grupo operativo, desde o início da entrada no prédio, quis transformar a agora ocupação X., em um “coletivo”, ou melhor, em um certo modelo de coletivo<sup>6</sup>. Um grande salão servia como dormitório comum, todas as refeições eram promovidas de forma conjunta (duplas responsáveis), a limpeza era realizada através de escalas mas eram poucos os homens que participavam (uma marcação por gênero atua em inúmeras situações), havia assembleias de noite para combinarmos as tarefas do dia seguinte. Engendrar um “coletivo forte” era a estratégia principal proposta pelo operativo no sentido de buscar “blindar” a ocupação das inúmeras ameaças que a atravessavam. Que ameaças seriam essas?

---

<sup>6</sup> Grupo que organizou a entrada, também responsável em achar um imóvel com condições para ocupar (que fosse público e “ocioso” já por algum tempo, isso permanece como um peso jurídico favorável a ocupação) e de reunir os futuros ocupantes. Havia militantes do grupo operativo que eram também moradores. O operativo realizou um curso de formação, de dez meses, antes da entrada no prédio, com a intenção de formar os moradores a respeito do que seria um coletivo sem hierarquia.

Primeiramente, de pessoas ligadas ou que se dizem ligadas ao tráfico, que poderiam colocar uma boca de fumo no prédio e exerceriam o controle do local através do poder das armas; 2) da polícia: através de entrada de policiais que poderiam realizar um despejo ilegal; 4) da justiça: exigência de saída dos ocupantes por conta de um mandato de reintegração de posse; 5) da prefeitura: membros da prefeitura que checariam o espaço e os moradores da ocupação, para num momento seguinte negociar ou “arquitetar” formas de desmanche da ocupação; 6) dos “fora-da-lei”: que gostariam de se esconder da polícia ou de outrem e que poderiam eventualmente “tocar o rebu”, exigindo algum tipo de subserviência; 7) militantes de outros movimentos interessados em cooptar “populares” e contabilizar a ocupação como “sua” (escutei em algumas rodas de movimento social “a ocupação da F.L.P.”, “a ocupação do PSTU” etc); 8) ongs/ agentes sociais envolvidos em atividades culturais e esportivas que se apropriariam de parte do espaço para executar projetos que resultariam em algum tipo de inserção política estrito senso: troca de votos por apoio financeiro/ logístico, que serviriam de base a uma futura candidatura a algum cargo público; indicação para vagas em serviços ou contratos, via prefeitura ou estado.

O prédio havia sido desapropriado pelo então prefeito César Maia (2005-2009) para ser transformado em “habitação social” (o que não ocorreu até o fim de seu mandato, fato usado pela militância, como uma justificativa “legal” à ação). O imóvel estava há muito em desuso, apenas um banheiro acessível, sem água em suas torneiras (uma cisterna apenas no hall de entrada). Além disso, três de seus quatro andares possuíam poças d' água, por conta da chuva que entrava pelo teto. Seria imprescindível que trocássemos as telhas, o que foi o primeiro impulso do grupo que tinha urgência em tornar o lugar espaço efetivo de moradia.

Moradores comentavam a respeito da escuta de barulhos que pareciam de correntes, vindos de um salão anexo ao prédio principal, salão onde militantes do operativo pretendiam fazer um museu afro-brasileiro, dentro da disputa, a respeito da patrimonialização do bairro, entre três diferentes projetos: movimento negro, *gentrificação* e igreja católica, cada qual com seu repertório discursivo/ pragmático<sup>7</sup>. Na ocupação, o projeto de etnicização do lugar era central como elemento de barganha

---

<sup>7</sup> Sobre as disputas de patrimonialização ver GUIMARÃES, 2008.

na relação com o poder judiciário e com setores do movimento negro. Uma mãe de santo, militante do movimento negro e amiga de um dos participantes do operativo, logo nos primeiros dias da entrada no imóvel, soprou um pó mágico vaticinando a permanência da ocupação.

X. era constituída de três construções e um imenso terreno chamado de “Nárnia”<sup>8</sup>. O dormitório, a cozinha e o banheiro ficavam no prédio principal. Já se conversava tentando imaginar onde seriam os apartamentos, quem seria vizinho de quem, a divisão dos andares, etc. Uma atmosfera que combinava ansiedade e expectativa perpassava a conversa, cada ocupante com suas devidas restrições, receios, projetos. Vários já haviam ocupado pelo menos algum outro prédio e depois tinham sido despejados. Havia migrantes do Nordeste - Piauí e Maranhão ou do norte do estado, Campos e Ponta Negra; um, era migrante originalmente de Porto Alegre; outro, de Belo Horizonte (veio para o Rio após seu filho adolescente ser morto na periferia onde moravam); outros possuíam uma larga trajetória em habitações compartilhadas, alguns com passagens em abrigos, outros ainda vindos de favelas próximas ou distantes. Onde frequentemente despontavam situações de risco e de usurpação em seu cotidiano: ameaças, coações, violência física e morte.

Gustavo morava na Providência, numa casa alugada onde pagava quatrocentos reais, na época. Em frente funcionava uma boca de fumo. Gustavo era cozinheiro, os trabalhadores do tráfico, muitas vezes lhe constrangiam, pedindo para carregar o celular em sua casa, ou que emprestasse talheres, pratos, panela, etc. Gustavo tinha quatro filhos, a última estava recém-nascida, ele era cozinheiro num restaurante em Copacabana, trabalhando do início da noite até a madrugada. Sua mulher labutava durante o dia. Ele então ficava com os filhos, muitas vezes não conseguindo dormir. Um dia, sua filha bebezinha não parava de chorar, ele foi ficando estressado, começou a bater nela. Pessoas da ocupação intercederam, arrefecendo a cena. A ocupação propiciaria para Gustavo também a chance de diminuir sua jornada de trabalho doméstica e profissional, assim como de sair da situação com o tráfico e do aluguel, segundo ele, “salgado” (na

---

<sup>8</sup> Série de filmes baseada no livro *As Crônicas de Nárnia*, de Clive Lewis, escrito em 1949. No primeiro episódio (2005) a sinopse é a seguinte: Na Inglaterra da 2ª Guerra, quatro irmãos, através de um guarda-roupa mágico, descobrem Nárnia. Terra fascinante, habitada por bestas que falam, anões, faunos, centauros e gigantes, mas transformada por Jadis num mundo condenado ao inverno eterno. Sob a orientação do leão Aslan, os irmãos lutam para libertar Nárnia. Sinopse adaptada de <http://cinema.ptgate.pt/filmes/3466>

época pagava 400 reais num sobrado), poderia enfim trabalhar menos durante a noite e não ter que atravessar a madrugada como fazia. Nesse sentido, era um dos mais interessados na transformação da ocupação em efetiva moradia (Gustavo apareceu na ocupação quando voltava do trabalho e um conhecido comentara a respeito).

Numa primeira noite na X., escutei a conversa animada de um grupo de moradores, que estavam se conhecendo naquele momento. O papo versava sobre os abrigos e comidas do centro da cidade. Eram discriminados por eles as quentinhas da madrugada, as melhores e piores “*caídas*” (as condições dos abrigos); o sopão apetitoso distribuído por um grupo espírita na Presidente Vargas, artéria imponente do centro, último e pior estágio para quem se encontra na rua - Leonel disse uma vez que estar ali era “*como passar do chão, passar do asfalto*”. Eram discriminados parcimoniosamente os profissionais dos abrigos e pessoas de instituições filantrópicas, apontando o quanto a trama do assistência social no centro da cidade forma um circuito movimentado.

É interessante pensar em que medida, tal circuito assistencialista, estatal e filantrópico, longe de circunscrever os interlocutores acima como “população de rua” em sentido estrito e os dispositivos institucionais que tal noção mobiliza, não exclui a participação dos mesmos numa “invasão” (termo majoritariamente usado). Mais do que “contornar as ameaças que se colocam em suas vidas”, como Vera Telles sugere (2010, p. 162), escapando da morte violenta e também da dependência de alguma instituição ou grupo filantrópico ou de assistência social, é pensar como tais modalidades formam como que um “cama de gato”, onde se pode acionar uma ou outra situação conforme a contingência da vez e nenhuma estaria completamente descartada. Não se trata, de necessidade ou de sobrevivência somente (o que não é pouco), mas de praticar a existência como um imperativo contingencial, nesse sentido, possibilitando que seus rastros, seus indícios sejam apagados, dificultando que o “golpe das garras do poder” (como ensina Foucault sobre os homens infames) lhes alcance<sup>9</sup>. Dessa forma, vale pensar o envolvimento numa ocupação, também como um agenciamento (entre outros, como por exemplo, os pequenos delitos e o encarceramento<sup>10</sup>) disponível a chamada vida precária.

---

<sup>9</sup> Para uma boa discussão sobre a idéia de sobrevivência ou sobrevivência na adversidade ver a tese de HIRATA (2010) e o comentário de TELLES (2010).

<sup>10</sup> Sobre o encarceramento e os deslocamentos a respeito das categorias “trabalhadores”/“bandidos”, “crime”/ “trabalho”, ver o artigo de FELTRAN (2007).

Como tentativa para realizar as obras da ocupação, principalmente o conserto do telhado e a fiação do prédio principal, onde imaginávamos os apartamentos, algumas pessoas fizeram uma lista completa do material necessário. Canos, telhas e fiação eram especificadas por José, que é pedreiro e electricista. Para levantar fundos à empreitada alguém sugeriu a idéia de promover almoços, os “angus dançantes”, em fins de semana. Gervásia comentava a possibilidade do grupo se cotizar para comprar as telhas. O que não foi adiante, ao menos por dois motivos.

Primeiramente, porque a idéia de pedir a sindicatos e a políticos conhecidos da militância, assim como, a movimentos sociais, pareceu ser uma prática corriqueira nas ocupações. Militantes e moradores de outras ocupações naturalizavam em certa medida tal “ajuda”, embora falas dos mesmos nas assembléias pontuassem o seguinte: que isso significaria apenas um gesto solidário por parte dos sindicatos contra a desigualdade presente em relação à questão da moradia no país, além da ressalva de que com isso a ocupação não estaria apoiando este ou aquele partido ou candidato (o que era mais ou menos esperado, já que o operativo sempre enfatizava em suas proposições libertárias, principalmente o desejo de não estar vinculado a tais representações). Uma comissão foi tirada para percorrer os sindicatos. A resposta porém foi mais ou menos a mesma: tinham se comprometido com outros gastos, além de ser fim de ano, não poderiam ajudar naquele momento. Nesse intervalo, a lista com o material para as obras tinha sumido.

A explicação dos militantes responsáveis era de que haviam esquecido a mesma na portaria e no dia seguinte, ninguém soube mais seu paradeiro. Tal fato deixou os moradores “com a pulga atrás da orelha”, servindo para reavaliar acontecimentos anteriores (e os que viriam), os quais se somariam a outros acontecimentos, que a princípio podemos nomear de “modalidades de boicote na ocupação”. Militantes, em outros contextos e também neste, diziam que alguém ou algum grupo estaria tentando prejudicar a ocupação, ou melhor, certo modo de organizar a ocupação ou o coletivo e que isto seria parte do processo (tais modalidades são comuns em outras ocupações).

Além do sumiço da lista e a da resposta negativa dos sindicatos, resultando em desânimo num primeiro momento principalmente entre os moradores que estavam na iminência de trazer seus pertences para o prédio ou que já tinham levado e perceberam que não seria fácil a constituição dos apartamentos (os espaços privativos/ individuais).

Outra coisa também contribuiu para minar a credibilidade e o envolvimento das pessoas, em geral, na melhoria e configuração do espaço: como era diversa a situação dos moradores (bem como a urgência quanto aos apartamentos), o envolvimento para conseguir o material, seja em relação a se cotizar ou a propor formas de levantar o dinheiro, não ganhou força (além dos angus dançantes, um outro ocupante conjecturou, sem sucesso, a possibilidade de se fazer um “livro de ouro” para pedir contribuições aos movimentos, sindicatos (novamente), estudantes, professores universitários, políticos, etc.

Eis alguns exemplos em relação a situação e aos projetos dos ocupantes: Seu Leonidas pagava um quarto num sobrado próximo da ocupação, queria sair do aluguel, mas não estava numa situação exatamente emergencial; Suelia desejava sair do morro da Mineira, reclamava do tiroteio, passou a dormir direto na ocupação; Diva queria vir definitivamente de Belfort Roxo, por conta da distância do centro da cidade, mas só traria sua mudança se a estadia estivesse minimamente assegurada; Dedé queria sair de outra ocupação próxima porque não estava bem com seu companheiro; Gregório também pretendia se mudar de outra ocupação pelo mesmo motivo de Dedé; Maria buscava sair da ocupação onde estava porque se sentia insatisfeita com os moradores da mesma; Seu Osvaldo possuía uma casa na Baixada, entregava quentinhas no centro e queria passar a semana perto do trabalho, assim economizaria o aluguel de um quarto ou as diárias em hospedarias da região; Leonel estava na rua e precisava de um lugar; Adriano veio de uma ocupação em Nova Iguaçu, chegou do Piauí há pouco, também pensava em morar no centro porque a outra ocupação era longe, sendo difícil arrumar trabalho; Índio fugira de um manicômio e não podia morar com a mãe porque “*não se dava*” com o padastro; Gervásia já havia trazido sua mudança, tinha um filho com algum grau de autismo e estava bastante interessada na colocação das telhas; Zezé morava em uma cidade no litoral fluminense e veio com sua imensa família, havia alguma urgência no seu caso (ela explicava que era porque seu filho tinha que trabalhar mas o mesmo passava os dias deitado). Neste grupo de ocupantes, conversávamos frequentemente sobre como levantar dinheiro. Depois disso, afinal, com alguns meses de mão na massa, seria possível dividir os andares e transformá-los em apartamentos.

O que parecia não animar o grupo operativo, que contrapunha ser importante que convivêssemos intensamente para criar laços de solidariedade, assim teríamos um

“coletivo forte”. Com este “coletivo forte” estaríamos primeiramente salvaguardados de incursões por parte da prefeitura, que, em geral, objetivavam (e continuam a objetivar) o desmanche das ocupações; segundo, menos vulneráveis a possíveis infiltrações na ocupação dos chamados “X-9” (os caguetes) entre os moradores; bem como, de ameaças de pessoas ligadas ao tráfico que poderiam colocar uma boca de fumo no prédio, o que abalaria a capacidade decisória da assembléia, sem dúvida, naquele primeiro momento, um elemento importante para a produção de um “coletivo forte”.

Índio grafitou numa parede o termo “*Legalidade*”, o que suscitou a ira de algumas pessoas do grupo militante/ morador. Não compreendendo o porquê do “puxão de orelhas” na assembléia, Índio buscou justificar porque tinha usado aquela palavra, porque “*não estavam fazendo nada de errado, já que moradia era um direito assegurado pela Constituição, o prédio estava abandonado, todo sujo, a gente veio e limpou*” (ressoando o discurso de parte da militância). No discorrer da coisa, ele emendou diferentes assuntos, alongando sua fala, as pessoas começaram a pedir que ele parasse, o clima se tornou caótico (muita gente falava ao mesmo tempo). Eis que um dos militantes, o mais irritadiço com o grafiti, pega seu chinelo e arremessa abruptamente na direção de Índio. Aquilo interrompe a assembléia, Índio consegue desviar da agressão. Mauro (morador e operativo) autor da ação, se levanta, ele próprio boquiaberto com o feito. Militantes do operativo tentam esfriar a coisa: “*Pessoal, a gente tem que ter união, um pouco de paciência também, assim não dá pessoal*”. Mauro em geral se apresentava nas assembléias através de falas e posições contundentes, se comparado a outros participantes do operativo, era desde o início um dos líderes da ocupação. Mauro emudece na semana seguinte, está abatido. O clima não é dos melhores. Índio, que fora expulso de uma outra ocupação pouco tempo atrás, tem receio de que isso se repita, diz que desde a agressão voltou a ter pesadelos com o *dito cujo*.

Segundo pessoas do operativo, a idéia de formar um coletivo forte significava conviver por muitos meses através de atividades comuns, como por exemplo, participar nas tarefas básicas no espaço: colaborar na cozinha, nas equipes de limpeza, estar presente nas assembléias, ‘tirar a portaria’, tentar construir uma rede de apoio externa (sindicatos, universidade, movimentos, mídias de comunicação alternativas, moradores/ associações do entorno). Estas tarefas “básicas” inicialmente deu frutos. As pessoas, de modo geral, pareciam bastante envolvidas com a ocupação, havia um terreno imenso, a

construção do prédio era forte, o ponto era acessível a outras regiões, as condições para se conseguir “*fazer dinheiro*” nos chamados trabalhos da viração eram boas.

Muitas vezes encontrei ocupantes indo ao Garotinho, restaurante público ao lado da Estação Ferroviária Central do Brasil (coração da cidade) onde as refeições custam um real, argumentando algo do tipo: “*Vou sair para comer, aproveito e dou um tempo do Carandiru*”. O que era, mais do que uma crítica ao modelo de organização da ocupação, uma identificação ou aproximação de seu modo de funcionamento com outras instituições concentracionárias. Ajudando a produzir explicitamente um primeiro contraponto ao grupo operativo e suas deliberações iniciais. Desde a preparação para a entrada no prédio, o operativo estabeleceu como regra que não se poderia consumir bebida alcoólica na ocupação (ao menos nos meses iniciais). O fim deste interdito, após votação em assembléia, significou uma das primeiras rupturas entre ocupantes e operativo.

É fato que a ocupação se encontrava na zona fronteira entre o legal/ ilegal (pensando a *ilegalidade* como parte do dispositivo de *biopoder*<sup>11</sup>), dessa forma suscetível a uma série de disputas, interferências e ameaças, como mencionamos anteriormente. Portanto, a insistência dos militantes em formar “um coletivo forte” - não estava distante dos “dados de realidade” que se apresentavam, quanto as forças coercitivas e violentas inscritas no processo (como mencionamos a respeito das ameaças a ocupação).

### **Captura: desencontro de projetos**

O desacordo entre os moradores que queriam os apartamentos e os militantes que idealizavam um coletivo, não levando em conta outras formas de coletividade existentes e atuantes na ocupação (como as lideranças engendradas durante o processo da invasão), foi um motivo que ampliou a distância entre os projetos da militância e os projetos dos moradores. Estes foram se tornando bastante reativos as palavras de ordem

---

<sup>11</sup> O dispositivo de *biopoder*, segundo Michel Foucault, estaria em funcionamento a partir do século XVIII, caracterizado por um poder exercido sobre a vida, antes exercido por um poder soberano, que legislava sobre a continuidade da vida e a determinação da morte de seus súditos, agora o poder submetia a própria vida, numa dimensão entendida como bio. Daí a importância do desenvolvimento e aparecimento de ciências como a microbiologia, a estatística, a demografia, etc.

“coletivo”, “cozinha comunitária”, “assembléia”, “tirar a portaria<sup>12</sup>”, etc. Tal situação, entre outras, era uma primeira demonstração de como os moradores estavam bem menos disponíveis a aceitar encaminhamentos do operativo. Por outro lado, a despeito de que as decisões fossem tomadas por voto majoritário, em assembléia (e o operativo estava sempre em menor número), as diversas relações de gratidão existentes entre militância e ocupantes (porque tinham sido aceitos pela primeira, em alguma medida, para estarem ali) silenciavam a exposição das divergências e as disputas respectivas.

Gervásia discorre sobre a idéia de separar os casais na hora de dormir, idéia que promove uma série de comentários. Perguntei o que ela achava, ela observa ser uma “[Falando com trejeitos a palavra coletivo] *Bobeira, a gente tem que ter nosso lugar, cheio de espaço no prédio. Coletivo, coletivo e tal*”. Diz também ser absurda a tentativa de proibir das pessoas transarem no salão, se dirigindo a Pato, no hall do térreo. Pato contrapõe estar de acordo com a proibição, se as pessoas quisessem transar deviam procurar outro lugar, que ali na ocupação tava complicado, todos dormindo num mesmo cômodo... Gervásia então interpela Pato sobre ter de ficar meses no salão sem transar com Beatriz [namorada de Pato] e completa: “*Aí é que as coisas vão andar mal no coletivo, a gente tem que ter nosso canto, tá na hora!*”.

A proposta é motivo de troça na assembléia. Tal contenda, mais uma vez sugeria que o projeto do operativo/ militância, não estava conseguindo dar conta da expectativas das pessoas, nem atentava às respectivas trajetórias que perfaziam a trama. A maior parte dos ocupantes, como observei anteriormente, vinha de hospedarias da região, cortiços ou outras modalidades de coabitação, também de favelas próximas ou distantes, morando de favor com parentes ou afins, onde os espaços eram muito disputados<sup>13</sup> e motivo de controle os mais variados<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> O que significava ter ao menos duas pessoas por turnos (manhã, tarde e noite) controlando a entrada da ocupação. Se anotava o nome das pessoas, hora de chegada e saída. De noite, geralmente um grupo de homens, dormia no térreo, próximo a entrada do prédio.

<sup>13</sup> Entre as capitais brasileiras, o Rio de Janeiro possui, junto com São Paulo, os maiores índices de adensamento excessivo, o que significa mais de três pessoas por cômodo (PASTERNAK, 2007, p. 237).

<sup>14</sup> O trabalho de Kowarick (2009), em especial o capítulo “As áreas centrais e seus cortiços: dinamismos, pobreza e políticas” é especialmente esclarecedor para uma discussão do espaço e sua complexidade, bem mais fino do que a esquemática (e conhecida) dicotomia “público/ privado”. Kowarick mostra como esta população tem um longo histórico de usurpação quanto a seus lugares de moradia, de uma quase inexistência de espaços não-compartidos, formando um cotidiano que

Os moradores começam a ver televisão no salão, reclama-se do barulho, são duas ou três tvs ligadas, ao mesmo tempo, num cômodo amplo e da possibilidade de curto-circuito, o que já havia ocorrido em outras ocupações. Aos poucos, algumas pessoas foram criando os chamados puxadinhos, de divisórias improvisadas com tapumes e placas trazidas de obras do entorno. Tais movimentos foram vistos pelo operativo como “privatistas”/ “individualizadores”. O argumento principal era mais ou menos assim: que tais fatos enfraqueceriam a possibilidade de se conseguir um coletivo forte e organizado, já que as pessoas se “*trancar*iam” nos apartamentos ou teriam que correr atrás de um ganho, por exemplo para comprar comida, realizando as refeições individualmente, não tendo portanto a oportunidade de se conhecerem, o que dificultaria a formação de laços de solidariedade entre os ocupantes ou, de algo nessa direção:

[fala de José/ operativo] *O cara tá doente, o cara tá com problema, o cara faz isso, faz aquilo, isso acaba gerando um monte de briga e você nem sabe porquê. Se é porque o morador não tá conseguindo arrumar uma comida, por exemplo.”*

[José, em uma outra situação, tempos depois, retomou o tema] *“Aconteceu de um morador chegar um dia e jogar uma cama pela janela, foi aquele estouro na rua, de madrugada, acordou todo mundo. Mais importante do que ficar ‘Ó, que cara maluco, jogou uma cama pela janela’, seria mais importante a gente saber porque ele fez isso, ‘Será que a mulher deixou ele?’, ‘Está com problema por causa disso ou daquilo?’, ‘Precisa de alguma coisa e tal?’”.*

O receio, por parte do operativo, quanto a situação de exceção que atravessa as ocupações, vulnerável diante das recorrentes ameaças que poderiam tomar o prédio, acabou por se concretizar. Um dia antes da abertura do Fórum Mundial Urbano, realizado pela agência ONU/ Habitat, no Rio de Janeiro, na zona portuária, aconteceu a entrada no morro da Providência da polícia especial do Estado, o Bope, seguido do anúncio da instalação de uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora). Um dos eixos da

---

“concentra”, passível a furtos de pertences, assédio diversos, etc.

política do governo Sérgio Cabral estava e permanece, no enfraquecimento dos morros dominados principalmente pelo Comando Vermelho, em relação ao varejo de drogas ilícitas, com ostentação de armas, além do fim de confrontos entre polícia e tráfico em áreas da zona sul e do centro da cidade, acordado como um item prioritário entre os preparativos para as Olimpíadas e Copa do Mundo<sup>15</sup>. Durante o Fórum, circulou a notícia de que o Bope havia entrado na ocupação três vezes durante a semana, fazendo buscas no prédio, bem como exibindo armas do terreno da ocupação em direção a Providência, sem respeitar crianças e moradores.

Antes do Bope, incêndios tinham ocorrido em dois casarões invadidos na mesma região, levando uma grande quantidade de pessoas a migrar para o prédio da ocupação, nas palavras de uma moradora: “*Não está mais dando, a gente nem sabe quem mora aqui*”. E ainda:

*“Roubam de tudo, tem que botar cadeado em tudo, só não roubam geladeira ou coisas maiores, mesmo assim a gente bota cadeado. Eu boto uma roupa de um filho no varal, no outro dia vejo a roupa em outra criança, tenho de sair de lá pra não fazer uma besteira”.*

O boato de que havia um corpo enterrado no Nárnia, de um morador dado como sumido, independente da veracidade da informação, é mais um elemento, entre outros, que demonstram as tensões e conflitos vivenciados. Então, algumas questões que despontariam dessa trama e permanecem em aberto: Como afirmar a porosidade e a afirmação das ocupações como heterotopia ou espaço contestatório, sem ser tomado por forças disruptivas, forças de coerção? Como evitar que tais forças gorem a vivacidade da ocupação? Como escapar da porosidade completa (e do esfacelamento) por um lado e da “blindagem” mortificante por outro?

---

<sup>15</sup> [Ver a entrevista de Raquel Rolnik em http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1346:especial-copa-e-olimpiadas&catid=127:noticias&Itemid=598](http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php?option=com_content&view=article&id=1346:especial-copa-e-olimpiadas&catid=127:noticias&Itemid=598)

## Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”. *Obras Escolhidas, vol. 1*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. “Nápoles” In *Obras escolhidas, vol. 2*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Leonel Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Felix. “1837 - Acerca do Ritornelo”. *Mil Platôs vol. 4*. Trad. Suelly Belinha Rolnik. Rio de Janeiro, Ed. 34 Letras, 1997.

FELTRAN, Gabriel. “Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos”. *Temáticas (UNICAMP)*, v. ano15, p. 11-50, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Dits et Ecrits III et IV*. Paris, Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. «A vida dos homens infames» in *O que é um autor?* Trad. Antonio Fernando Cascais e José A. Bragança de Miranda. Lisboa, Passagens, pp.89-128.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 7ª edição.

FRUGÓLI JR., H. e SKLAIR, J. “O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrificação” in *Cuadernos de Antropologia Social*, nº 30, Universidad de Buenos Aires, 2009: pp. 119-136. <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n30/n30a07.pdf>

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. “Discursos de visibilidade e novos usos do território: o caso da Pedra do Sal (RJ)”. ANPOCS/ Caxambu, 2008.

HIRATA, Daniel Veloso. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. Tese de doutorado, Departamento de Sociologia, 2010.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. *Viver em Risco*. São Paulo, Ed. 34 Letras, 2009.

L’ESTOILE, Benoit de, “Quand la pluie enterre les pauvres. Faut-il déplacer les favelas de Rio de Janeiro?” in *La Vie des idées*, 7 mai 2010. URL : <http://www.laviedesidees.fr/Quand-la-pluie-enterre-les-pauvres.html>

MIAGUSKO, Edson. *Movimentos de moradia e Sem-Teto em São Paulo: experiências no contexto do desmanche*. Tese de doutorado, Departamento de Sociologia, USP, 2008.

OLIVEIRA, Francisco de. e RIZECK, Cibele. (org.) *A era da indeterminação*. Rio de Janeiro, Editora Boitempo, 2008.

TELLES, Vera da Silva. “Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade (anotações inconclusas de uma pesquisa)” in OLIVEIRA, F. e RIZECK, C. (org.) *A era da indeterminação*. Rio de Janeiro, Editora Boitempo, 2008: pp. 195-218.

\_\_\_\_\_. *Cidade: tramas, dobras e percurso*. Tese de livre docência. Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, 2010.

DAS, Veena & POOLE, Deborah. “El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas” in BOLVIN, Mauricio & BALBI, Fernando. *Cuadernos de Antropologia Social*, nº 27. Facultad de Filosofía y Letras/ Universidad de Buenos Aires, 2008.